

Negra e Acadêmica: A solidão no diálogo entre pares nos espaços de poder

Black and Academic: Solitude in peer dialogue in spaces of power

*Carolina dos Anjos Borba*¹
*Fabiane Moreira da Silva*²
*Sanciaray Yarha Silva da Rosa*³

RESUMO

A vida acadêmica nos revela diferentes desafios, que se intensificam com as sobreposições de opressões sociais como racismo, machismo, homofobia e desigualdade econômica. O artigo visa refletir sobre os impasses que mulheres negras encontram ao ocupar esse espaço de poder. Sabemos que o ingresso das estudantes negras na universidade, mesmo com políticas afirmativas, ainda não atingiu um nível igualitário de oportunidades, e quando se trata de permanência nesses espaços a dificuldade para alunas negras se agrava. Buscamos refletir sobre os problemas enfrentados no percurso da graduação com diferentes relatos de estudantes negras, abordando casos de racismo institucional e discriminação racial. A escolha dos autores que embasam nossa discussão também tem uma afinidade com a discussão decolonial e de interculturalidade dos saberes, buscando um olhar diferenciado sobre a solidão que esse espaço de poder, ocupado muito recentemente por mulheres negras, produz no seu processo de individualização e exclusão dos diferentes. Apresentamos uma provocação sobre estratégias de sobrevivência e de coletividade num espaço que não é convidativo e individualiza os corpos, e estratégias de resistência e construção de pensamentos insubmissos sobre o ensino superior.

PALAVRAS CHAVE: Feminismo Negro, Racismo, Relações Etnicorraciais, Educação.

ABSTRACT

Academic life reveals different challenges, which are intensified by the overlapping of social oppression such as racism, machismo, homophobia and economic inequality. The article aims to reflect on the impasses that black women encounter when occupying this space of power. We know that the admission of black students to the university, even with affirmative policies, has not yet reached an equal level of opportunities, and when it comes to staying in these spaces, the difficulty for black students worsens. We seek to reflect on the problems faced in the undergraduate course with different reports of black students, addressing cases of institutional racism and racial discrimination. The choice of authors that support our discussion also has an affinity with the decolonial and intercultural discussion of knowledge, seeking a different look at

¹ Dra. Prof^ª da Universidade Federal do Paraná e Coordenadora do Grupo de Pesquisa e Extensão Joana de Andrade.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná e integrante do Grupo de Pesquisa e Extensão Joana de Andrade. E-mail: fabianemoreira05gmail.com

³ Graduanda do curso de Pedagogia da Universidade, Federal do Paraná e integrante do Grupo de Pesquisa e Extensão Joana de Andrade.

the loneliness that this space of power, occupied very recently by black women, produces in their process of individualization and exclusion of the different. We present a provocation about survival and collective strategies in a space that is not inviting and individualizes bodies, and strategies of resistance and construction of unsubmitive thoughts about higher education.
KEYWORDS: Black Feminism. Racism. Ethnic-racial Relations. Education.

* * *

Introdução

No dia 5 de fevereiro de 2018 a turma de pedagogia Victoria Soto da Universidade Federal do Paraná se formou, e em sua cerimônia de colação de grau algo inédito no curso ocorreu, ao vestir a toga decidi também vestir um turbante para trazer ali para aquele momento não só o conhecimento adquirido naquele espaço formal, mas a mensagem de ubuntu, e que estava carregando comigo o conhecimento de meus ancestrais, da minha comunidade, do chão pelo qual percorri até chegar naquele dia de celebração, de todos que não puderam estar ali presentes comigo, mas que contribuíram para a minha formação. Algo assim chamou a atenção da cerimonialista que mais do que depressa me perguntou como eu iria fazer para retirar meu turbante durante a cerimônia, uma mulher branca de elite, que certamente não conhece a importância de um oja, e toda a sua simbologia para a população negra, em especial de religiões de matriz africana. Obviamente tal afronta causaria incômodo, depois de 6 anos de universidade eu já estava acostumada com tais situações e com essas interpelações sobre como me visto, como penso como sou, sobre meu corpo nesse espaço de poder que é em sua maioria marcado por pessoas que não compreendem como é complexa a realidade de uma estudante negra. No momento da interpelação perguntei o motivo pelo qual deveria tirar meu turbante exuberantemente vermelho, e ela respondeu que essas eram as normativas da universidade. Um espaço que ali estava formando pedagogas com um discurso baseado na diversidade, no compromisso com a transformação social, pedia para que os indivíduos se igualem e apagassem suas marcas culturais em nome das normativas. Não discuti com a moça que certamente estava fazendo sua função, tranquilizei ela para não se preocupar que eu iria respeitar as normas. Mas durante a cerimônia eu simplesmente não retirei meu turbante.

Desde a minha inserção na universidade foi um longo caminho a ser percorrido, uma das vivências mais marcantes foi após uma longa discussão sobre questões sociais que acertavam o que leva adolescentes a engravidarem precocemente com uma professora de psicologia da educação, ela solicitou para que eu ficasse até o final da aula para uma conversa, da qual questionou sobre a minha certeza de continuar a disciplina até o final do semestre. Eu fui uma das poucas estudantes que se colocaram ao debate, uma das únicas aulas a serem reprovadas, a única que teve a nota diminuída no sistema para que não tivesse a possibilidade de um recurso. Como forma de resistência cursei a disciplina até o final mesmo o indicativo de futura reprovação, as mudanças de postura de tal professora durante a disciplina ficou visível para os demais estudantes, durante as apresentações de trabalho e os debates em sala, inclusive os questionamentos de minhas competências acadêmicas, por mais que vários colegas tivessem feito esse apontamento a solidão e o sentimento de desamparo se faziam presentes.

Existem diferentes formas de se resistir às opressões que o racismo constrói na nossa sociedade, nesse percurso acadêmico vi colegas serem humilhadas, colegas que sofreram racismo, e aprendi não só a ser uma excelente pedagoga e pesquisadora, mas também a como lidar com as opressões. Poderíamos ter exposto toda essa situação e pedido uma auditoria com os procedimentos formais da cerimônia, ter processado o estabelecimento pelo constrangimento, ter feito diferentes manifestações contra o sistema educacional racista e higienista, mas escolhemos fazer um artigo sobre as dificuldades de uma mulher negra e acadêmica enfrenta na universidade.

Quando pensamos no espaço universitário o imaginário que temos é uma diversidade de áreas de conhecimento. A verdade é que a universidade tende a unificação de uma única forma de conhecimento, no qual ela mesma é agente e agenciador na legitimação desse conhecimento, aquilo que não se enquadra é considerado empírico, e o que por vezes ela pode se apropriar é considerado saber popular. Não é uma surpresa pesquisas “científicas” utilizarem o manuseamento de ervas medicinais para elaboração de medicamentos encapsulados, conhecimento esse passado de gerações a gerações nas comunidades tradicionais, porém que não recebem nem o reconhecimento muito menos os lucros que as grandes empresas recebem sobre essa apropriação. Porque abordar essa questão aqui? Porque por décadas contam a nossa história de maneira distorcida para nós mesmos, e pedem

que acreditemos por exemplo que a população negra é minoria, de fato é minoria nos espaços de representação, não por acaso, mas de forma intencional somos impedidos de ocupar esses espaços de poder, e o espaço universitário é um espaço de poder que além de construir esse conhecimento age para legitimar o mesmo que ele produz (Gómez, 2007). Sendo assim é importante discutir como nós mulheres negras nos vemos nesse espaço violento epistemicamente que deixa a mensagem de que esse espaço não é para nós a todo momento, como se sentir pertencente e construir conhecimento num espaço excludente?

Buscamos aqui discutir essa realidade negra de conviver na universidade, também relatar os desafios que estudantes negras vivenciam para alcançar a conclusão de um curso superior, e a solidão que esse espaço produz para nós no seu processo de individualização e exclusão dos diferentes. A busca pela representatividade também é importante para entender esse processo, e o motivo pelo qual ela se faz tão importante principalmente na conjuntura atual, para entender como a universidade contribui para essa realidade social.

Discussões

Se a solidão da mulher negra atinge todos os campos de nossas vidas, ela também chegará até a vida academia. Primeiramente é necessário destacar que espaços educacionais como as universidades historicamente foi e ainda é negado para a população negra, em contrapartida, não podemos negar que esse quadro gradativamente vem mudando por meio de políticas públicas como as cotas raciais, sendo assim, se a pauta em questão antes era o acesso ao ensino superior, hoje se faz necessário pensar sobre a permanência de estudantes negros nesses espaços, principalmente das mulheres negras.

O debate sobre as políticas de ação afirmativa e de cotas em benefício dos alunos negros e pobres no ensino público universitário parte do quadro das desigualdades sociais e raciais gigantes, acumuladas ao longo dos anos, entre brancos e negros. Essas desigualdades observam-se em todos os setores da vida nacional: mercado de trabalho, sistema de saúde, setor político, área de lazer, esporte, educação, etc. Ora, no meio de todas essas desigualdades, a educação ocupa uma posição de destaque como centro nevrálgico ao qual são umbilicalmente vinculadas todas as outras. Diz-se que os negros não conseguem bons empregos e bons salários porque não tiveram

acesso a uma boa educação porque seus pais são pobres. Nesse beco sem saída entre educação, pobreza e mobilidade social, a discriminação racial nunca é considerada como uma das causas das desigualdades. (MUNANGA, 2007, p. 7).

É importante ressaltar que, juntamente com o acesso aos meios educacionais surge também a promessa de uma ascensão sócio-econômica, o que nos trás um peso ainda maior, pois ainda somos aquelas que compõem a primeira geração da família a ter acesso a espaços como do ensino superior, o que conseqüentemente é muito comum perceber esses aspectos se apresentarem na saúde mental dos estudantes negros já que estar e permanecer nesse espaço nos exige diferentes esforços, principalmente das mulheres negras que precisam lidar com opressões sobrepostas.

A trajetória universitária nos revela diferentes desafios, o percurso até o ingresso e permanência destas estudantes é marcado pelo sistema social de divisão de classes e raça, somando diferentes opressões, além do machismo que as estudantes sofrem quando decidem iniciar um curso superior. Por vezes a escolha entre fazer ou não um curso superior é também escolher entre ter uma dupla jornada diária, conciliando trabalho e estudo, ou até mesmo a gerência de uma casa e a vida familiar. Isso torna a vida acadêmica muito mais difícil. Muitas estudantes enfrentam esse desafio na ânsia de uma ascensão social que é incentivada através do percurso acadêmico. Ter um “bom emprego” ou uma melhor qualidade de vida esbarra no acesso ao conhecimento científico²

A dificuldade financeira que a população negra em sua maioria enfrenta tem uma causa social histórica, que ainda carece de muitas reparações, mas um desses mecanismos é o sistema de cotas sociais, pois se entende que a trajetória escolar de uma aluna negra é circunstancialmente diferente da trajetória de uma aluna branca, por sofrer os efeitos do racismo direta ou indiretamente, mal esse que é estrutural e estruturante na organização social. Independentemente da instituição privada ou pública existem custos como alimentação, moradia, fotocópias e transporte, vale salientar que boa parte dessa população é periférica o que acarretará em um tempo maior de deslocamento. Mesmo que a condição financeira não seja um empecilho, lidamos com os impactos de se perceber negro a

² aquele que dizem que é concedido nos espaços acadêmicos, e que por tanto é mais valorizado pelas sociedades ocidentais de tradição europeia do conhecimento como forma de poder.

cada instante vivenciado dentro deste espaço, percebendo assim opressões sofridas não apenas na universidade mas também fora dela.

Outro fator que nos afeta é o esforço intelectual, pois o preconceito com os alunos advindo de escolas públicas interfere na sua reputação acadêmica, estes são tachados como medianos por professores e colegas. Isso denuncia tanto um preconceito com a formação do estudante oriundo de escolas públicas e periféricas, que em sua maioria são negros, e a valorização de um determinado conhecimento pautado no eurocentrismo hegemônico que não valoriza as reais experiências do indivíduo, ignorando as diferentes possibilidades que outros olhares acrescentam. Assim como a discussão decolonial sobre o conhecimento dado como “científico” produzido na universidade. Gómez classifica como dois modelos de conhecimento, com elementos em comum:

O primeiro elemento comum que parece identificar é a estrutura arbórea do conhecimento e da universidade. Ambos os modelos favorecem a ideia de que o conhecimento possui hierarquias, especialidades, limites que marcam a diferença entre campos de conhecimento e outros, fronteiras epistêmicas que não podem ser transgredidas, cânones que definem seus procedimentos e suas funções particulares. O segundo elemento comum é o reconhecimento da universidade como lugar privilegiado para a produção de conhecimento. A universidade é vista, não apenas como o lugar onde o conhecimento que leva ao progresso moral ou material da sociedade é produzido, mas como o núcleo vigilante dessa legitimidade.³ (GOMÉZ, 2007, p. 81).

A universidade irá muitas vezes assumir posturas que nos impedirão de se constituir enquanto intelectuais, seja por meio de suas escolhas bibliográficas que por sua vez só validam como intelectuais homens cisgêneros, brancos e

³ El primer elemento común que me parece identificar es la estructura arbórea del conocimiento y de la universidad. Ambos modelos favorecen la idea de que los conocimientos tienen unas jerarquías, unas especialidades, unos límites que marcan la diferencia entre unos campos del saber y otros, unas fronteras epistémicas que no pueden ser transgredidas, unos cánones que definen sus procedimientos y sus funciones particulares. El segundo elemento común es el reconocimiento de la universidad como lugar privilegiado de la producción de conocimientos. La universidad es vista, no sólo como el lugar donde se produce el conocimiento que conduce al progreso moral o material de la sociedad, sino como el núcleo vigilante de esa legitimidad. En ambos modelos, la universidad funciona más o menos como el panóptico de Foucault, porque es concebida como una institución que establece las fronteras entre el conocimiento útil y el inútil, entre la doxa y la episteme, entre el conocimiento legítimo (es decir, el que goza de “validez científica”) y el conocimiento ilegítimo. (GOMÉZ, 2007, p. 81)

heterossexuais, ou pelo silenciamento diário dos estudantes negros, ressaltando sempre a necessidade de uma validação teórica de suas próprias experiências, tendo suas falas deslegitimadoras e questionadas constantemente. O conceito de competitividade impregnado nas paredes da universidade cria a individualização dentro do sistema acadêmico, que por sua vez, mais do que a busca pela docilização dos corpos, compõem a esse cenário a busca da vigilância constante sobre o que e de forma vem se produzindo o conhecimento dentro do espaço, criando fronteiras do conhecimento. Para Foucault (1999, p.233), “As disciplinas funcionam cada vez mais como técnicas que fabricam indivíduos úteis.”

A pretensão da individualização dos sujeitos apresenta-se de forma tão assídua que torna-se aparente na estrutura do sistema, tendo como consequência a naturalização do processo de individualização dos sujeitos

Pois bem, minha tese é que a universidade moderna incorpora perfeitamente a “hybris do ponto zero”, e que esse modelo epistêmico é refletido não apenas na estrutura disciplinar de seus epistemes, mas também na estrutura departamental de seus programas.⁴ (GOMÉZ, 2007, p. 83).

Quando trazemos esse conceito de Hybris do Ponto zero, também queremos trazer o olhar voltado para a deslegitimação do conhecimento anterior ao pensamento moderno, e a sua validação nesse espaço de poder. É notável que quem ocupa esse espaço de poder e faz essa seleção sobre o que é válido e o não válido não são mulheres negras, estas ocupam ainda a base da pirâmide social e assim se reflete no espaço universitário, a porcentagem de professoras negras universitárias é muito pequena, assim como em outros espaços de poder. Ainda que as universidades utilizam políticas de cotas para ocupação dos cargos de professores essa paridade ficaria ainda desigual pela falta de incentivo e de políticas afirmativas na pós graduação e na própria permanência dessas estudantes nos espaços acadêmicos. Esse ciclo causa também o sentimento de despertencimento pela falta de representatividade, ou seja, a efetividade e qualidade na representação do grupo a qual o pertence, pois quando não nos enxergamos nesses espaços de representação não a um reconhecimento identitário de grupo. Ainda que

⁴ Pues bien, mi tesis es que la universidad moderna encarna perfectamente la “hybris del punto cero”, y que este modelo epistémico se refleja no sólo en la estructura disciplinaria de sus epistemes, sino también en la estructura departamental de sus programas.

exista uma forte discussão sobre essa identidade de grupo, identidade cultural, Hall comenta que as identidades não são fixas, mas também carregam uma familiarização com a história, cultura e território.

É precisamente porque as identidades são construídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formação e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas. (HALL, 2014, p.109).

Todas essas tensões que nos são colocadas atingem diretamente a nossa saúde mental e emocional, pois isso não é apenas um processo individual, mas também coletivo, precisamos realizar um preenchimento do vazio acadêmico, principalmente no que acerca a vida da população negra. Não nos vemos representadas nesse espaço, nem por nossos professores, nem através dos colegas, mas nos enxergamos a todo tempo em pares nos setores de serviços gerais da universidade, assim como os brancos não estão acostumados com nossa presença lecionando em uma universidade ou em cargos de chefia. Qual é o nosso parâmetro de paridade quando nossa referência são cargos de trabalho extremamente desvalorizados? O que ecoa dessa relação representativa, e a falta dessa representatividade nos espaços de poder?

A posição de objetificação, que é normalmente ocupado por nós, o lugar de Outridade, não indica uma falta de resistência ou de interesse, como geralmente acreditam, é muito mais falta de acesso à representação de negrxs e não-brancxs por si mesmxxs. Não é que nós não temos falado, mas as nossas vozes - graças ao racismo como sistema - temos sido sistematicamente desqualificadxs pelo que a academia entende como conhecimento válido. E mais: nós temos sido representadxs por brancos, que, ironicamente, se tornam "especialistas" em [nossa cultura] e nós mesmxxs. De ambas as formas, estamos encarceradxs numa hierarquia colonial violentíssima. (KILOMBA. 2016, p,28).

Historicamente acompanhamos a luta das mulheres negras contra o racismo, o machismo e a extrema pobreza do nosso país, que sofrerem a violência da colonização. A luta por representatividade é algo que buscamos continuamente e que ainda não atingimos o ponto ideal, um país onde caracteriza-se com a

porcentagem de negros maior que a de brancos, onde a porcentagem de mulheres é maior que a de homens, e ainda assim nos deparamos com a falta de paridade nos espaços de poder e destaque principalmente das mulheres negras. Esse quadro precisa ser alterado e isso começa falando sobre representatividade que nos importa. A exemplo disso nos deparamos com mulheres que marcaram a história por uma luta anti-racista e de equidade.

Como maneira de transgredir ao sistema acadêmico, e de alcançar uma escuta para nossas vozes, angústias, reflexões e pensamentos, a pesquisa encontra-se como um caminho de legitimação dentro das exigências acadêmicas. Essa é uma realidade que também encontrará barreiras, a primeira é estar presente em projetos de pesquisa e ser contemplada por bolsas, pois a mesma política de cotas para o ingresso dos estudantes não é critério de seleção para participação de projetos de extensão e iniciação científica, na maioria dos editais, deixando assim a critério dos professores se sensibilizarem para essas desigualdades sociais e fazer essa escolha, mas geralmente essa escolha é restrita ao índice de rendimento acadêmico ou ao currículo lattes. A segunda é a identificação com o campo de pesquisa em si, o que se torna muito difícil para abordagem temática, pois os estudantes que se inserem nesse espaço de pesquisa encontram dificuldade de trazer sua realidade principalmente no recorte racial, quando não estão inseridos nos espaços de discussão que incluem a diversidade, esses são temas presentes com maior facilidade na área das humanas, e que ainda necessitam de muito aprofundamento. Ora se o estudante que pode contribuir com a diversidade não é contemplado nos editais, como abordar esses diferentes olhares? E quando é contemplado não é ouvido, como proporcionar esse diálogo acadêmico? E de que forma as nossas questões serão inseridas em campos que não são específicos da diversidade?

Estamos perante sistemas multifacetados, mesmo com um objetivo em comum: a inclusão de populações e grupos, até então, sub-representados, principalmente nos cursos de prestígio e forte concorrência como Medicina, Direito, Psicologia, Odontologia, Engenharias, Arquitetura. Trata-se, no último decênio, da reivindicação de direitos pelos movimentos sociais, notadamente o movimento negro expressa no espaço público, e da elaboração de políticas, definidas no ambiente dos conselhos universitários, cujo foco é um discurso direcionado para a inclusão social e racial. (SANTOS, 2012. p.12).

O esforço para que a população negra se aproprie do espaço acadêmico torna-se coletiva, não apenas por ser um espaço historicamente negado, mas também pela necessidade de quebrar o paradigma de um espaço inalcançável. Surge também a necessidade de que, as pesquisas realizadas nesses espaços se aproximem da realidade e vivências daqueles que são vistos apenas como objeto de pesquisa, e não como interlocutores e capazes de falar por si mesmos. Para Kilomba (2006), assim como a hierarquia introduz dinâmica em que Negritude significa "estar fora do lugar" ela se refere ao fato de que branquitude significa "estar no lugar". As questões abordadas anteriormente contribuem para que estudantes negros, e principalmente as mulheres negras internalizem pequenos silenciamentos, seja pela invisibilidade de suas pautas ou pelo medo da censura de colegas e professores, que se apresentará muitas vezes de maneira violenta disfarça na cobrança de boas produções.

Para quem escrevemos, é necessário examinar não só a verdade do que falamos mas também a verdade da linguagem em que o dizemos. Para outras, se trata de compartilhar e difundir aquelas palavras que significam tanto para nós. Mas em princípio, para todas nós, é necessário ensinar com a vida e com as palavras essas verdades que acreditamos e conhecemos mais além do entendimento. Porque só assim sobreviveremos, participando num processo de vida criativo, contínuo e em crescimento. (LORDE, 1977).

No espaço acadêmico por vezes nos perguntamos sobre esse nosso interlocutor, afinal a falta de representatividade e de pares na troca de diálogos sobre nossas realidades faz com que temos que nos adequar a esse modo operante de pensar/ser algo que não somos na essência, que se reflete na nossa escrita. Qual a linguagem que utilizamos? Será que nossos pais, irmãos, amigos, eles conseguem decodificar essa linguagem acadêmica? Ora, se o conhecimento que está fora da academia não é reconhecido, a resposta seria não, mas o que vemos é justamente o contrário, tão possível como a ruptura que nós ao escrever sobre essa realidade causamos nesse pensamento excludente.

Sendo assim a ruptura epistêmica de resistência é falar para nossos pares, buscar ampliar esse espaço padronizado, trazer para esse espaço cada vez mais mulheres negras. E mais importante que isso é legitimar os espaços do qual viemos, o desafio das maiorias insurgentes é justamente se fazer ouvir, ter essa voz

legitimada. Outra questão é por que temos que legitimar a nossa voz neste espaço historicamente opressor? Ao mesmo em que a comunidade acadêmica renega os espaços em que as mulheres negras provêm, ela utiliza-se desse espaço para produzir pesquisas e transpor suas ideias e opinião em uma linguagem não codificada por aqueles que estão sendo vistos pela academia apenas como objeto de pesquisa.

A academia então, torna-se um espaço agressivo, que tenta diariamente e de diferentes maneiras enquadrar aqueles que se questionam suas posturas, ou que se colocam em posições de resistência ao enquadramento de padrões que ignoram suas existências. O modus operandi deste sistema apresenta-se de forma tão enraizada que nos deparamos com a dificuldade de acolhimento entre os pares que encontram-se em uma posição hierárquica detentora de poder, desumanizando seus próprios pares em busca de reconhecimento dos não-pares e produções. Nesse sentido é preciso cuidado, pois para Paulo Freire (2015. p.43):

O grande problema está em como poderão os oprimidos, que “hospedam” o opressor em si, participar da elaboração, como seres duplos, inautênticos, da pedagogia de sua libertação. Somente na medida em que se descubram “hospedeiros” do opressor poderão contribuir para o partejamento de sua pedagogia libertadora. Enquanto vivam a dualidade na qual é parecer e parecer é parecer com o opressor, é impossível fazê-lo.

O pesquisador tem um papel fundamental na ampliação dos caminhos do conhecimento, olhando para a sociedade com questionamentos e investindo seu tempo para buscar diferentes indagações ou soluções para diferentes fenômenos sociais. Muitos movimentos sociais vêm reivindicando espaços através da pesquisa científica produzida no espaço acadêmico, esse é o trunfo que o movimento negro utiliza já há muitos anos, principalmente por essa consciência de que se nós não contarmos nossa versão dos fatos o que vemos circulando é o olhar estereotipado e preconceituoso sobre nossos corpos, nossa cultura, nossas tradições, nosso modo de ser e estar nesse espaço-tempo. O grave problema é quando esses pesquisadores se tornam pesquisadores de gabinete, trazendo sim as lutas sociais como algo importante de estar no espaço acadêmico, construindo uma escrita combativa e de reflexão assertiva sobre a importância da mobilização social, mas na sua prática social se faz um opressor, não se posiciona ou age de maneira impositiva e

excludente. Essa relação se faz aparente na relação de aluno professor no espaço acadêmico, onde a decepção sobre a figura que até ali trazia representatividade no discurso pode causar uma descrença nesse espaço de transformação social, aumentando também os processos de baixa-estima e outros problemas que o estudante pode sofrer. Recentemente um caso de abuso sexual com várias estudantes negras surpreendeu os professores e pesquisadores, principalmente ligados ao movimento negro, justamente por essa dualidade de discurso, onde o pesquisador de gabinete carrega em seus escritos a importância da luta social, mas oprime de forma violentamente aqueles que o circulam pelos seus escritos. Sua conduta não condiz com seu discurso, e isso é mais um grande desafio para aqueles que decidem seguir uma carreira acadêmica.

Outro fator que também mecaniza e modifica o pensador para insurgir e se manter insubmisso nos espaços formais são as normativas, principalmente ao que se refere à escrita acadêmica, a universidade age como aparelho de controle e massifica o pensamento científico, transformando esse espaço em uma “fábrica de artigos” onde o professor pesquisador se vê obrigado a produzir para permanecer em determinados espaços de atuação. Além das excessivas exigências o pesquisador precisa atender as demandas de um ego-acadêmico que busca pontuação, notas, competição na produção de pesquisa. Levar para dentro desse espaço o princípio da construção de um conhecimento se torna um desafio que nem deveria existir, e que frustra os pesquisadores na execução dessas demandas exacerbadas, o gosto pela pesquisa se esvai e os problemas como ansiedade e depressão se tornam temas atuais de grande preocupação no espaço acadêmico. É necessário a compreensão de que a mudança precisa ser sistêmica, combatendo diretamente na raiz do problema e verdadeiramente engajada na luta anti-racista, contra o machismo e demais opressões sofridas pelas mulheres negras dentro e fora do âmbito acadêmico.

Em determinada aula uma professora branca de elite, já com muitos anos de carreira tenta promover o debate da diversidade no currículo escolar, algo muito importante para nossa formação enquanto educadores, mas que se feito de maneira errônea não promove mudanças de comportamento ou pensamento. Essa professora totalmente despreparada solicitou a um grupo de seminário que apresentasse sobre como as questões do negro apareciam no currículo, o grupo contava em sua composição duas estudantes negras, que relataram suas

experiências acadêmicas, um dos pontos levantados do trabalho foi a questão da formação de professores e como as instituições buscam mascarar os casos de racismo que acontecem, nesse momento mencionei o caso que ganhou de notoriedade em 2012, quando a professora Lígia Regina Klein comparou duas estudantes negras com macacas, comentamos também da postura do setor de educação que apresentou um posicionamento firme apenas após a absolvição em segunda instância, em uma tentativa de sair em defesa da então colega de trabalho - que em consenso social dos alunos negros foi racista - a professora justificou dizendo que Lígia não era racista pois, era uma professora que trabalhava diversidade, e que isso por si só justificava o fato de ter chamado as estudantes de macacas, e que aquilo foi uma brincadeira, que as estudantes não entenderam o contexto. Essa postura gerou muito incômodo nosso e nesse momento iniciamos um debate demonstrando a ela que essa postura também colabora com o racismo, que minimizar a dor das estudantes dizendo que elas não entenderam uma brincadeira era extremamente racista, e que nos ofende também, nesse momento a então professora mudou sua postura na sua própria defesa dizendo absurdos como o que chegou a dançar com um estudante negro em sua formatura, e que tinha amigos negros, e que amava nossa cor. Mais uma vez nos deparamos naquele momento com um discurso do “preto de estimação”⁵, como uma tentativa de amenizar as atitudes racistas. Durante o processo de discussão os colegas simplesmente foram saindo da sala, sobrando apenas as três únicas estudantes negras da turma e uma estudante indígena, reafirmando a provocação inicial que havia realizado, sobre a importância dos educadores enfrentarem os seus preconceitos. Esse caso revela várias indagações, a primeira que não existe formação continuada na universidade, pois se a professora que já tinha mais de 30 anos de carreira estivesse inserida nos debates atuais como diversidade curricular, muitos infortúnios seriam evitados. Tal movimento tem se tornando uma prática comum dos professores universitários em transferir a responsabilidade de mediação da aula nos assuntos do qual eles não dominam, como o debate sobre raça, gênero e etnicidade, e acham que seminários ou debates vão dar conta das demandas, um erro tão profundo que tem várias consequências, principalmente na formação de outros professores. Outro ponto é deslegitimação da voz do aluno, quem somos nós estudantes contra

⁵ Aquele ou aquela que é usada como instrumento ou de justificativa da aproximação com a população negra, negando assim ações discriminatórias.

professoras que têm anos de carreira? Somos as alunas que não entendem brincadeiras! Indagamos, também sobre a empatia nos assuntos relacionados a raça, os nossos colegas brancos não se mostraram interessados na luta antirracista, pois esse debate é para todos, senão os movimentos sociais como o movimento negro sempre estarão falando apenas para nós mesmos. O que a universidade faz com os estudantes nos seminários é similar ao que o ensino básico faz no dia 19 de abril e 20 de novembro, incubem aqueles que tem a marca social evidente para dar conta de toda discussão sobre o tema, ou então fazer uma abordagem extremamente superficial e romantizada, quando não é ofensiva.

Considerações de Continuidade...

Pensar em uma mudança desse sistema de educacional universitário é pensar em uma nova organização social, um projeto diferenciado de pensamento, uma legitimação de um pensamento subjacente que circunda pelas extremidades epistêmicas causando o desconforto dos lugares de privilégio. Esse modelo no qual estamos inseridas, é de uma universidade que vem ao longo dos anos consolidando em sua organização a projeção de uma sociedade que claramente nos vê como indesejáveis, essa prática excludente se aviva com o discurso de ódio que vem sendo direcionado aos corpos desviantes. Mombaça (2016) vai discutir sobre uma possível redistribuição dessa violência onde reverter essa via única de extermínio apresenta-se para uma ruptura efetiva da realidade social, esse movimento começa na nomeação da norma. Quando nós acadêmicas negras nomeamos o racismo institucional que sofremos na universidade estamos fazendo um movimento de catarse, onde logicamente tudo ao nosso redor se movimenta e tem uma reação, algo que já vem acontecendo em diferentes espaços sociais. Compreendemos que a conquista por esses espaços são sim violentos, e que tendem a se intensificar por uma proposta de projeto de sociedade higienista e branca que vem construindo um imaginário onde quando se tem um inimigo ele precisa ser exterminado.

Como projeto político, social, epistêmico e ético, a interculturalidade crítica expressa e exige uma pedagogia e uma aposta e prática pedagógicas que retomam a diferença em termos relacionais, com seu vínculo histórico-político-social e de poder, para construir e afirmar processos, práticas e condições diferentes. Dessa

maneira, a pedagogia é entendida além do sistema educativo, do ensino e transmissão do saber, e como processo e prática sóciopolíticos produtivos e transformadores assentados nas realidades, subjetividades, histórias e lutas das pessoas, vividas num mundo regido pela estrutura colonial (WALSH,1991).

A convivência com o diferente causa desconforto, e o que temos de resposta é o movimento de extermínio cultural, social e histórico. A mudança que há duas décadas vem causando nas estruturas sociais de classe pela acessado do debate de movimentos sociais nos espaços governamentais contribuiu para que os discursos de ódio se intensifiquem, isso se reflete na universidade, primeiro quando se diz que todo aquele que não faz parte de uma normativa precisa ou se enquadrar ou ser eliminado, segundo quando prioriza uma política de valorização da propriedade, e assim do espaço que ocupo/gasto na construção do conhecimento, a universidade pública é extremamente necessária para a parcela pobre e excluída da sociedade, e só começou a ser questionada quando esses indivíduos ocupam esse lugar que antes era dado como de elite. O fato é que o problema está a nossos olhos posto a frente e não temos como fugir ou enganar, principalmente pela marca social que carregamos, assim só nos resta pensar em diferentes estratégias de inserção e permanência nesses espaços.

Hoje vivemos no meio desse naufrágio. Vivemos no caos, na incerteza de que será possível construir e manter uma comunidade. As figuras públicas que mais nos falam sobre a volta a valores antigos que incorporam os males que King descreve. São as pessoas mais comprometidas com a manutenção de sistemas de dominação - o racismo, o sexismo, a exploração de classe e o imperialismo. Elas promovem uma visão perversa de liberdade que a equipara ao materialismo. Nos ensinam a crer que a dominação é “natural”, que os fortes e poderosos tem o direito de governar os fracos e impotentes. (HOOKS, 2007, p. 42).

Quando pensamos em uma pedagogia que trabalha com a insubmissão e emancipação dos sujeitos estamos contribuindo para essa ruptura, estamos trabalhando contra esse processo violento de dominação que insiste em nos colocar na subalternidade, ignorando nossos anseios acadêmicos e nossas construções sociais, buscando novos olhares sobre aquilo que vem se apresentando de forma perversa e violência em diversas categorias do sistema educacional superior, nosso intuito ao mesmo tempo também é de denúncia e alerta da urgência do

rompimento das estruturas opressoras e excludentes para a população negra que se retroalimenta, em especial para as mulheres negras que se encontram na base da pirâmide social.

Referências

AUDRE, L. *A transformação do silêncio em linguagem e em ação*. 1977.

HOOKS, B. *Ensinando a Transgredir: A Educação como prática da liberdade*, 2ªed. Martin Fontes, São Paulo. 2017.

CANDAU, V. M. (Org.). *Educação intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009. p. 12-43.

FOUCAULT, M. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. 20 a. Edição. Trad. Lígia M. Ponde Vassalo. Petrópolis: Vozes, 1999.

FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005, 42.ª edição.

GOMÉZ, S. C. *Decolonizar la universidad. La hybris del punto cero y el diálogo de saberes*. In: GOMÉZ, S. C. GROSFUGUEL, R. *El giro decolonial: Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Bogotá : Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007.

HALL, S. A. *A identidade cultural da pós-modernidade*. Tradução de De Paulo Editora. 11ª. ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

KILOMBA, G. *Quem Pode falar?* In. *Plantation Memories - Episodes of Everyday Racism - URAST*, Budapest, 2010 p. 25-37 trad. Quiangala A. C. acesso 2016.

MOMBAÇA, J. *Rumo a uma Redistribuição Desobediente de Gênero e Anticolonial da Violência!* 32ª Bienal de São Paulo - Incerteza Viva, Oficina imaginação política, Fundação Bienal de São Paulo, 2016.

SANTOS, J. R.. *A questão do negro na sala de aula*. 2ª ed. São Paulo. Global, 2016.

WALSH, Catherine. Interculturalidade crítica e pedagogia decolonial: in-surgir, re-existir e re-viver. In: CANDAU, Vera Maria (Org.). *Educação Intercultural na América Latina* entre concepções, tensões e propostas. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009, p. 12-43.

Recebido em junho de 2019.

Aprovado em dezembro de 2019.